

A constante luta em prol da Educação

Prof. André Alves Prado

Pensamento: *"Devemos ser poetas na batalha da Educação. Podemos chorar, mas jamais desanimar. Podemos nos ferir, mas jamais deixar de lutar. Devemos ver o que ninguém vê"* –Dr. Augusto Cury - Psicoterapeuta, escritor e cientista.

A Era Faenquil



Fonte: Acervo Faenquil

No ano de 1969, mediante os ideais de um grupo de engenheiros motivados pelo major do exército Engenheiro Químico Luiz Sylvio Teixeira Leite, foi criada a Faculdade Municipal de Engenharia Química (Famenquil). Já em 1971, em função da expansão das atividades, surge a Faculdade de Engenharia Química de Lorena (Faenquil), transformada na Fundação Centro Vale de Ensino e Pesquisa em Química Industrial, viria a se denominar alguns anos após como Fundação de Tecnologia Industrial (FTI). Em 1976 teve seus primeiros cursos reconhecidos, sendo que no ano seguinte as aulas passaram a ser ministradas no que atualmente chamamos de Campus I. Em 1978 uma equipe da Unicamp implanta na FTI, o projeto Nióbio. Em 1980 surge o Centro de Biotecnologia da FTI inicialmente nas dependências do Instituto Nacional de Tecnologia no Rio de Janeiro.

Lembro-me que foi final do ano de 1984 que passei a residir em Lorena, cidade que anteriormente visitava durante as férias para rever entes queridos. Sempre ouvia falar muito bem da Faenquil e de seus centros de pesquisas. Em 1986 tive o meu primeiro contato com a instituição ao realizar um curso de linguagem de programação. Ainda jovem, tinha verdadeiro fascínio por computadores, algo atípico para a época, pois os Centros de Processamentos de Dados eram habitados por pessoas de idade superior, sendo principalmente

engenheiros e matemáticos. Entretanto, fui adotado como mascote em quase todas as turmas de cursos livres que fazia e me deleitava com qualquer microcomputador que encontrava pela frente.

Antes de prosseguir com este relato, desejo fazer um aparte esclarecedor. O que narrarei daqui em diante é uma visão de minha percepção. Caso alguém não concorde, solicito que não fique ofendido, pois se trata dos sentimentos que tive em função dos acontecimentos através do que vivenciei. Após o curso que fiz na Faenquil, minha admiração somente aumentou pela instituição, o que me fez querer ser parte integrante dela. A minha ótica sobre os fatos passará por várias etapas devido às atividades e ocupações na instituição, afinal, aqui fui aluno de cursos livres, aluno de graduação, estagiário, prestador de serviços, servidor, aluno de pós-graduação e professor.

No decorrer destes anos, vi pessoas que contribuíram de alguma forma como verdadeiros obreiros para edificar a instituição. Simbolicamente existiram colaboradores que contribuíram com tijolos, outros que preparavam a argamassa, enquanto alguns se tornaram engenheiros e arquitetos desta magnífica obra da educação. Houve também aqueles que foram meros expectadores e, lamentavelmente, uma pequena parte que somente serviu para atrapalhar a construção de uma instituição que já era referência de ensino e pesquisa quando foi anexada pela Universidade de São Paulo (USP).

Se observarmos bem, algumas pessoas possuem tão íntima relação com a Faenquil que chegam a se confundir com a própria história da instituição. E não se trata de gente que fala que gosta da instituição por pupuxa-saquismo ou um saudosismo apenas porque ouviu alguém comentar e passa repetir o que ouviu. Estou falando de gente amou verdadeiramente e ainda ama esta instituição. É gente que fez, realizou e não cruzou os braços esperando que uma solução caísse dos céus. É gente que se preocupou com os trabalhadores e ainda zelou pelos que tinham famílias a sustentar. Enfim, é gente que aprendi a admirar e ter profundo respeito. Talvez eu não tenha linhas o suficiente para relatar de cada um deles aqui, mas afinal, como o passar dos anos, quem não sabe quem é quem?

Em 1988 após ter concluído o curso com habilitação plena em processamento de dados, prestei o vestibular de Engenharia Industrial Química da Faenquil. Em 1989 antes do início das aulas, tomei o primeiro trote na indústria de derivados de petróleo em que trabalhava - Petroara Lubrificantes *Good Oil*. O motivo da antecipação do trote ocorreu por influência de um funcionário na indústria que também era aluno da instituição. Semanas depois, as aulas se iniciaram na Faenquil, ocasião em que tomei o segundo trote porque meu cabelo já havia crescido um pouco. Fui banhado por uma tinta verde que levou quase duas semanas para sair totalmente da minha pele e as

falhas deixaram *caminhos de ratos* que custaram a sair de minha cabeça. Com trote e tudo, eu estava feliz da vida.

Minha jornada de trabalho era pesada, mas sempre antes das 19h, pegava o ônibus de estudantes que passava na frente da antiga Lorencar, próxima ao Posto Malerba, para vir assistir as aulas de engenharia na Faenquil. Às aulas terminavam por volta das 22:40h e lá ia eu para casa para no outro dia começar a jornada novamente. Esta rotina somente não se repetia na sexta-feira, pois, como ninguém é de ferro, saía com os alunos da Faenquil e íamos aos *happy hours*, muitas vezes visitando uma república atrás da outra. Entretanto, havia um pequeno detalhe. O meu curso tinha aulas aos sábados pela manhã e tarde.

O meu estado nas aulas aos sábados era lastimável devido ao acúmulo do cansaço ocasionado pelo labor semanal e principalmente pela noite mal dormida na sexta-feira. Isto acabou resultando em alguns cochilos sobre a carteira nas aulas mais teóricas. O que me despertava eram os intervalos, pois sempre havia truço na cantina. E se há alguma coisa capaz de fazer muito barulho é um bando de alunos reunidos atrás das cartas de baralho neste tipo de jogo.

Literalmente escangalhado, saía das aulas aos sábados para ir para casa descansar. No domingo uma igreja instalada nas proximidades de minha residência, para chamar a atenção e conseguir novos adeptos, instalou megafones em seu exterior, iniciando uma pregação logo pela manhã e arrastando-se dia adentro. Este era o único dia que me sobrava para estudar, então o que ocorreu foi uma sequência de brigas que tive com os responsáveis pela igreja. Na flor da idade e cheio de hormônios transbordando pelo corpo, já estava pensando em como poderia conseguir dinamites para tentar uma implosão na madrugada que viesse a desabar o prédio com os malditos megafones.

Sinceramente gostava muito das aulas de engenharia, mas a rotina maçante de trabalho atrelado a vários fatores que dificultavam minha evolução para a aprendizagem estimada por mim, fez com que acabasse por solicitar o trancamento de matrícula antes de encerrar o primeiro ano. Na ocasião lembro que meu pai me telefonou para pedir que eu não fizesse isto. Ele estava preocupado, visto a Faenquil ser uma instituição muito boa e que seria uma perda o abandono do curso. Disse para ele que estava apenas mudando de rumo, mas que voltaria depois. Lamentavelmente meu pai já havia falecido quando cumpriria a promessa de retornar a ser aluno na Faenquil, fato que ocorreria futuramente com o apoio do Prof. Messias quando seria aluno de pós-graduação de Engenharia da Qualidade.

Um dos proprietários da Petroara era meu Tio Dermeval. Com o seu falecimento, a indústria começou a passar por mudanças drásticas e significativas. Desmotivado com a perda deste ente querido, confuso comecei a perder o ânimo de permanecer na empresa, cometendo falhas resultantes de um desestímulo que não costumo cometer em minha vida profissional. Nestas circunstâncias, ingressei em uma seguradora com matriz em Guaratinguetá e comecei a trabalhar como programador de computadores. Esta empresa realizava seguros para várias outras empresas, abrindo-me a oportunidade de também programar para outros empresários. Em pouco tempo, lá estava eu programando como *freelancer* para outras empresas do Vale.

Por volta de 1990 soube que havia uma vaga de estagiário para desenvolvimento de sistemas informatizados no então denominado Centro de Materiais Refratários (Cemar). Algo me movia em termos de curiosidade em relação a aquele lugar. Ao lado de casa havia uma república de estudantes de pós-graduação que no Cemar desenvolviam suas dissertações e teses junto aos pesquisadores. Através do aluno de mestrado Inácio, atualmente professor doutor na Unesp, consegui a oportunidade de ir conhecer as instalações. Lá chegando, fiquei encantado com os microcomputadores recentemente comprados que eram muito caros para a época. Era tecnologia de ponta e aquilo me motivou ainda mais querer a vaga que foi disputada por um grupo considerável de interessados, alguns candidatos já estavam inclusive cursando graduação em Ciência da Computação. Processo seletivo realizado e lá estava iniciando as atividades.

Entretanto, logo a FTI começou a passar por turbulências e mudanças. Era apenas o anúncio do olho do furacão que nos atingiria. Com o tempo, estaríamos em outras lutas que nos colocariam em uma espécie de epicentro de terremotos, tsunamis e outras crises cíclicas. Terminando meu tempo de estágio, a instituição estava evitando contratações. Aliás, o que havia eram demissões. Assim, resolveram me contratar como prestador de serviços. Fernando Collor era presidente naquelas circunstâncias e seu plano de desestatização prejudicou seriamente as Fundações, o que incluiu a FTI. Collor conseguiu instituir uma enorme recessão econômica no país, extinguindo quase um milhão de postos de trabalho no ano de 1990.

Quando me tornei prestador de serviços, fui realocado do Cemar para a Faenquil, ou seja, do atual campus II para o campus I. Minha função era criar os sistemas administrativos para que a instituição desonerasse seus custos com empresas contratadas de informatização. Foi quando o processo de desenvolver os sistemas próprios, como Folha de Pagamento, Controle de Estoques, Controle Financeiro, Controle Patrimonial, Gestão de Compras e outros, teve início. Concluído meu prazo como prestador de serviços,

fuicontratado como funcionário. Entretanto, os salários atrasavam constantemente e uma grande luta irrompeu-se visando salvar a instituição.

Lembro-me que em certo momento, o Prof. Carlos e o Prof. Felipe, corajosamente e arriscadamente chegaram a penhorar seus bens pessoais para que os funcionários recebessem seus proventos. O Cemar também corria atrás de aprovação de projetos nos órgãos de fomentos que pudessem ajudar. Foram tempos difíceis, e, na contramão da desestatização, começamos a correr em busca de uma solução que resultaria na estadualização em 1991. Mas que isto ocorresse, passamos por uma época tumultuada. A casa parecia que iria rachar ao meio. Surgiu então uma época de muitas discussões, algumas proveitosas, mas muitas outras tensas e desnecessárias.

Enquanto prestador de serviços na Faenquil, principalmente nos finais de semanas, continuei atuando como *freelancer* programando em empresas do Vale. O convívio com outros empresários havia me despertado um lado empreendedor e fui cursar a graduação de administração de empresas. Mas depois que fui efetivado, meu tempo começou a ficar escasso e comecei a destinar a construção dos sistemas em andamento nas empresas para amigos programadores.

A luta pela estadualização parecia em certos momentos que iria separar a instituição. Existia uma ideia de separatismo muito forte, onde alguns deixaram evidente a intenção de separar o Centro de Pesquisa da Faculdade. Alguns chegaram a alegar que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), por ser um Instituto Federal deveria anexar à área de pesquisa. Isso era algo lamentável. Nada contra o INPE, pois considero uma instituição renomada em que fui inclusive aluno especial no Laboratório Associado de Computação e Matemática Aplicada (LAC). A questão é que em uma crise o princípio mais coerente é unir forças para que todos permaneçam juntos lutando por uma solução. No entanto, parecia claro é que existia uma disputa de poder interna cuja solução poderia não contemplar todas as áreas da instituição.

Tomei posição ao lado dos que lutavam para permanecermos todos unidos em busca de uma solução que contemplasse todas as nossas áreas. Várias mobilizações foram realizadas na ocasião. Ganhamos um pouco mais de força quando o Deputado Ary Kara resolveu apoiar nossa luta. Os diretores da Faenquil pediram ajuda a todos os que podiam, inclusive para alunos para que pedissem adesões dos líderes de suas regiões, afinal, a maior parte de nossos discentes residia fora de Lorena. Foi um período de muitas turbulências e incertezas. As disputas internas ficaram acirradas ao extremo e ouvia-se muita coisa desagradável de alguns que não queriam olhar além do próprio

umbigo. Alguns buscaram apoio em partidos políticos que ao invés de ajudar, quase nos prejudicaram de vez.

Mas o trabalho de formiguinha para que continuássemos unidos continuava sendo realizado por alguns diretores, funcionários e alunos. Até que finalmente chegou o dia em que lotamos vários ônibus com professores, funcionários e alunos partindo rumo a Guararema-SP. O governador Orestes Quércia iria inaugurar um trecho da Rodovia Carvalho Pinto junto ao seu candidato à sucessão, Luiz Antônio Fleury Filho. Estávamos em frente de um pequeno palanque improvisado quando o governador chegou e foi prontamente rodeado por um enorme grupo. A essa altura dos acontecimentos praticamente pedíamos exaustivamente por uma solução para os nossos problemas. Foi nesta ocasião, em que o governador Orestes Quércia pegou o microfone e declarou publicamente que a Faenquil seria estadualizada. Gritos de alegria emitidos pelos que lá estavam ecoaram. O governador foi aplaudido, levantado e carregado. Aquele dia foi só comemoração. Quando voltamos a Lorena até o suporte de saída de emergência de alguns ônibus foram retirados por alguns alunos e teve até os que subiram no teto para comemorar.

Obviamente que essa declaração do governador agradou alguns e internamente não agradou os que lutavam por uma solução diferente. Entretanto, não existe como agradar a todos. Externamente, a estadualização da Faenquil também desceu como uma espinha de peixe arranhando goela abaixo de certas pessoas que por muitos anos alegariam que este foi um ato inconstitucional. Ganhamos alguns inimigos que iriam nos prejudicar ao longo do tempo. Os que estariam nas posições de liderança nos próximos anos, seja na direção ou em defesa dos funcionários, ficariam por demais irritados principalmente com um determinado jurista que viria a se tornar procurador Geral do Estado. De minha parte, sinto um total desafeto pelas açõestomadas por este jurista, pois geralmente sempre procura um jeito de não fazer algo em benefício de nossa instituição.

Como salvar uma instituição de ensino e pesquisa poderia ser inconstitucional? Em nosso país boa parte do dinheiro captado pelos leoninos impostos acabam escoando pelos ralos, são mal aplicados ou vão parar nos bolsos de políticos corruptos que não dão uma destinação idônea para estes recursos. Agora... Não era permitido socorrer uma instituição que promovia a ciência e educação em busca de excelência? Não era plausível o governo investir em uma instituição que visava transferir conhecimento, ensinar novas tecnologias para o desenvolvimento do país? Lorota! Em minha opinião na área do direito, várias teses podem ser elaboradas para defender ou condenar. Infelizmente, esse jurista insistia sempre em dar um parecer contrário às nossas causas.

A transformação da instituição em autarquia já nos meses finais de 1991 finalmente devolveu a paz para que os funcionários pudessem retornar firmes em suas atividades. Os salários foram regularizados e a direção começou a projetar uma política de expansão. Com a estadualização, a Faenquil realmente conseguiu o que muitas instituições do Estado também almejavam naquela época. Foi uma verdadeira proeza, algo muito difícil de ser realizado. A Faculdade e os Centros de Pesquisas foram totalmente incorporados.

Em 1992 constituiu-se o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) para assessorar a Direção da Faenquil até a elaboração do estatuto institucional. Particularmente, enquanto governo PMDB, penso que perdemos a oportunidade de utilizar a força que tínhamos para resolver muitas outras pendências que seriam necessárias. Acontece que depois da tempestade que atravessamos, veio à bonança. Talvez muitos de nós, erroneamente, tivemos a impressão de que aquilo que era bom perduraria para sempre. Mas como diz um ditado popular: “não existe pesadelo que não se acabe e nem sonho que dure para sempre”. Ao término do governo PMDB, os neoliberais dão início a um governo que já perdura por longos anos.

A instituição continuou a crescer, criando cursos de especialização, mestrado e doutorado. Outros cursos de graduação também seriam criados. Em 1993 a direção lutou e conseguiu criar o Colégio Técnico de Lorena (Cotel). Com o início das aulas, o colégio viria a se tornar em pouco tempo uma referência em ensino médio ranqueado entre os melhores da categoria. O Prof. Carlos foi um dos defensores para que o colégio recebesse o nome do Prof. Nelson Pesciotta. Particularmente apoio este tipo de homenagem em vida. Honrarias póstumas pode ser um ato de reconhecimento legítimo, mas nada como reconhecer uma pessoa em vida. Digo isto por experiência própria, pois na X Semana da Biblioteca promovida na EEL USP em 2007, o poeta Rodolfo Lopes e eu fomos homenageados na qualidade de Pratas da Casa por funcionários muito queridos. Isto pode não significar muito para muitas pessoas, mas me deixou muito contente.

Prosseguir expandindo as fronteiras da instituição continuava a ser uma atitude nobre e ousada, pois em termos práticos crescíamos em cursos e trabalho enquanto nosso quadro de servidores diminuía. A questão é que na ocasião que fomos estadualizados, passamos a ser parte integrante de um quadro de extinção na Secretaria de Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo (SCTDE). Em outras palavras, as vagas dos servidores que aposentavam, faleciam ou pediam demissão, não recebiam reposição.

Em 1994 fui convidado para integrar a lotação do então denominado na circunstância de Centro de Biotecnologia (CEBIQ). Lembro que meu ingresso

na instituição foi na função mais simples, a de estagiário no CEMAR. Pelo pouco tempo que estive lá, retornar a uma unidade de pesquisa era muito desejável em minha opinião. Já desgastado com algumas brigas na administração, não pensei duas vezes e aceitei a oportunidade de conceder suporte de tecnologia ao CEBIQ. No decorrer do tempo, aproveitei para ir me candidatando a vários cargos eletivos nos órgãos criados pela Faenquil. Fui eleito como representante técnico-administrativo da Congregação, CEPE, Comissão Central de Informática e Presidente do Comitê de Avaliação de Desempenho.

Minhas brigas internas prosseguiram e a luta principal era por causa da ausência de um plano de carreira para os servidores técnico-administrativos, pois os docentes possuíam uma forma de se promover defendendo mestrado e doutorado, recebendo adicionais e ascendendo na carreira. Estas minhas lutas me tornaram amado por muitos, mas detestado por alguns que ocupavam uma ou outra posição de liderança. Era um corporativismo enorme em defesa das classes. Estar engessado em um cargo na tabela de cargos e salários na SCTDE não era justo aos colaboradores que trabalhavam para a casa continuar evoluindo.

Em 1998 fui convidado a tornar-me professor do Cotel. Neste mesmo ano, fui eleito Presidente do Comitê de Avaliação de Desempenho. Foi um trabalho minucioso que futuramente seria finalmente aplicado na direção da gestão do Prof. João Batista de Almeida e Silva. Após a virada do milênio, porém, os nossos problemas seriam outros. O governo estadual, diga-se de passagem, neoliberal, assim intitulo governos que querem viver da arrecadação de impostos, privatizar quase tudo e pouco conceder em retorno através dos impostos arrecadados para a Educação, Saúde e Segurança Pública, começou a engessar o orçamento da Faenquil.

Começamos a sentir o arrocho salarial, pois o governo tirou-nos o índice do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo (CRUESP). Isto não era um índice de aumento, era apenas das reposições das perdas salariais. Por volta de 2001, os primeiros funcionários se reuniram e decidiram ingressar com ações na justiça para reaver o índice. Entretanto, este era apenas uma parte dos vários problemas que teríamos a enfrentar. Alguns na Faenquil são como uma grande família. Existem até as lutas internas como a que citei em prol do plano de carreira. Mas quando alguém que não vivia a nossa realidade mexeu conosco, era hora de nos agruparmos e brigarmos pelos nossos direitos.

As sucessivas restrições orçamentárias em nossa instituição que seguia em franco crescimento, comprometia seriamente o plano de expansão delineado. Após já ter ocupado quase todas as secretarias e diretorias da

Associação dos Funcionários da Faenquil (Affa), lancei uma chapa e tornei-me presidente da Affa em 2002. A então eleita Equipe Inovação contou com a participação dos servidores: Isnaldi Rodrigues Souza (Vice-Presidente); Walkíria Aparecida de Freitas Santiago (Secretária); Sylvio Ballerini (Diretor Administrativo); Rogério Rodrigues (Secretário Administrativo); Maurício Monteiro de Carvalho (Diretor de Esportes); Zacarias Gomes (Secretário de Esportes); João Batista de Almeida e Silva (Diretor de Economia e Finanças); Roberto Ricardo Batista (Secretário Economia e Finanças); Rosinei Batista Ribeiro (Diretor Social); Paulo Roberto da Silva (Secretário Social); José Carlos Tavares (Diretor de Recreação e Cultura) e Carlos Roberto Bernardo (Secretário de Recreação e Cultura).

Com as dificuldades vivenciadas pelos funcionários, a Affa iniciou sua gestão tendo sérias dificuldades. Sem reajustes, enquanto o processo para reaver os reajustes das perdas morosamente transitava na justiça do trabalho, muitos servidores começaram a passar por dificuldades financeiras. Rapidamente, os estornos de uma parte dos associados começaram a prejudicar a Affa. Alguns chegavam a adulterar seus vales para fazer compras superiores ao que conseguiriam pagar. Através da associação, procuramos ajudar os funcionários que realmente precisavam. Mas também chegamos a contratar um advogado e ingressamos com ações contra associados mais abusados em relação à inadimplência. Votamos o desconto diretamente em Folha de Pagamento, para minimizar os problemas e garantir a coexistência da associação.

O nosso contrato com a Unimed era algo que também costumava dar muito trabalho. Virava e mexia a Unimed queria nos convencer a não ter mais o plano de amplitude nacional. Por vezes, tinha que ir à Unimed brigar para a manutenção deste plano e de um reajuste que fosse plausível aos funcionários, principalmente diante da dificuldade que estávamos atravessando. Por vezes a Unimed me ligava e não queria cobrir custos de cirurgias, próteses ou outros aparelhos que os associados necessitavam. Era uma luta constante.

Algumas outras situações também nos consumiam tempo. Em determinada circunstância, o Prof. Carlos e eu estávamos em um hospital da região tentando pela saúde de um funcionário que sofrera um grave acidente. O hospital em que ele estava internado parecia estar mais interessado em receber os repasses da Unimed de Lorena, do que com estado do próprio funcionário. Quando percebemos isto, começamos a nos mobilizar em busca de uma transferência para um hospital de São Paulo. O hospital da região resistiu até que pressionamos tanto que acabaram por liberar a transferência. No entanto, liberaram ao estilo: “lavamos as nossas mãos”, ou seja, se virem para transferi-lo daqui. Foi quando surgiu uma vaga em um hospital de São

Paulo. Corri em busca de uma UTI móvel para transferi-lo, mas ainda assim era necessário um médico para acompanhar o funcionário até o hospital da capital. Foi aí que o Prof. Carlos pediu ao seu filho médico, que prontamente aceitou, a realizar este acompanhamento.

Fora todos os problemas e dificuldade de gestão da Affa, tínhamos a nossa briga principal que era chamar a atenção do governo para que este simplesmente adotasse uma postura diferente em relação à nossa instituição. Solicitamos apoio do Bispo, Vereadores, Prefeitos, Deputados, Secretários de Estado, Clubes de Serviços e diversos líderes que pudessem contribuir com nossa causa. Gastei muito sapato nos corredores da Assembleia Legislativa do estado de São Paulo (ALESP) mendigando de porta em porta a atenção de deputados para a nossa causa. O servidor Marco Salles assessorava o Deputado Macris na ALESP e conseguiu através de outros assessores e chefes de gabinetes que fossem atendidos por outros deputados. Conversamos com todos estes e ainda batemos nas portas de dezenas de outros deputados em busca de apoio, moções ou qualquer coisa que pudesse ajudar a Faenquil.

Contei na ocasião com a ajuda de alguns fiéis companheiros de trabalho, como os servidores Claudio Roberto Cardoso, Francisco Paiva, Maurício Monteiro e outros que alternadamente nos acompanhavam. O Prof. Carlos também nos acompanhou em muitas destas investidas.



Fonte: O Autor

Procurávamos nos fazer presentes nas cidades da região onde o governador estaria a inaugurar uma obra, apresentar um plano ou fazer um discurso. O Prof. Carlos continuava a nos acompanhar nas empreitadas. Perdi as contas de quantos foram e-mails e ofícios enviados naquele tempo. Também não consigo enumerar a quantidade de políticos que contatamos na ocasião. Concedi várias entrevistas em canais televisivos, rádios e jornais. Na instituição existiam pessoas interessadas que nos procuravam para saber

notícias, mas lamentavelmente havia novamente uma corrente que atuava contra. De certa forma, apanhávamos e sofríamos desconfiança de pessoas que deveriam estar nos apoiando. O pior eram os que trabalhavam traiçoeiramente do outro lado da força para que não conseguíssemos êxito em nossas empreitadas. O bom é que com a experiência adquirida, rapidamente conseguíamos descobrir quem eram estas pessoas.



Fonte: O Autor

Na vida organizacional, não demoramos a identificar quem surge para contribuir por desejar melhorias e quem finge querer contribuir para ter interesses atendidos. Lamentavelmente, também aparecem algumas pessoas não são confiáveis e sorrateiramente lutam contra. Mas o tempo é sempre o melhor remédio para saber quem é quem em algum lugar. Existem algumas pessoas que pensam que enganam as outras, mas na verdade são tão perceptíveis que o maior equívoco é acreditar que suas intenções não foram desvendadas. Com o passar dos anos, todos sabem quem é quem em uma instituição, empresa ou organização. Sabe-se tanto quem ajuda e é confiável, como quem atrapalha e não é digno de confiança. Ninguém consegue enganar todos por muito tempo, principalmente se existir um grupo pensante entre estes.



Fonte: O Autor

Durante a gestão da Affa, mesmo com todas as turbulências, promovemos as confraternizações aos finais dos anos, festas nos Dia das

Crianças, cursos de paisagismo, entregávamos brindes no Dia dos Pais e das Mães aos associados, promovemos campanha dos agasalhos, torneios esportivos e até as famosas Festas da Cerveja. Às vezes, havia a necessidade de negociação com os repasses com alguns convênios da associação. Algumas empresas parceiras compreendiam a situação e até negociavam. Em uma ocasião, devido aos estornos estávamos sem caixa para fazer a confraternização de final de ano, ocasião em que procurei o saudoso confrade Prof. França que contribuía com gestão da Fundação de Apoio à Pesquisa e Ensino (FAPE). Ele reuniu-se com outros membros da FAPE e nos concedeu o valor necessário para a confraternização. Chegamos a reporo empréstimo antes de completar trinta dias.

No final de 2003, no referido biênio da Affa, encerrou-se a gestão da Equipe Inovação. Em nossa última reunião com os membros da diretoria, cheguei a chorar. Não sei foi um choro de desabafo ou de alegria por ter conseguido conduzir a gestão até o final com tantos problemas vivenciados pelos funcionários. Na verdade, acho que foi pelos dois motivos. Tentar cumprir uma gestão com severa responsabilidade é um alívio quando concluída. Muitos associados gostavam e apoiavam nossas ações. Porém, alguns poucos viviam a nos criar problemas, armadilhas, fofocas e algumas vezes tentavam nos apunhalar pelas costas. É lamentável tudo isto. Muitos não querem contribuir e ajudar. Muito pelo contrário, lutam para prejudicar e atrapalhar. A vida pessoal destas pessoas deve ser tão frustrada que já é um castigo para elas. Enfim, cabe a estes a justiça divina. E como sabiamente disse em algum momento um ex-diretor da Faenquil, "*certas coisas, a gente só faz uma vez na vida*". Concordo plenamente no que tange à ocupação do cargo de Presidência da Affa.

De toda forma, a batalha não havia terminado. Assim que o novo presidente da Associação dos Funcionários da Faenquil tomou posse, fui nomeado Presidente da Comissão Especial da Affa para poder prosseguir com as lutas em prol da instituição. Precisávamos mostrar ao governo, sociedade ou que quer quem fosse que a nossa instituição era voltada para a excelência em ensino e pesquisa e fazíamos por merecer o devido reconhecimento. A Faenquil sempre foi uma instituição muito importante para a nossa cidade, região e país. Naquele tempo já se caracterizava uma das maiores empregadoras do município e seu orçamento muito auxiliava empresas da localidade, sendo que o salário dos funcionários também sempre foi muito importante para o comércio local e regional. Na época a instituição contava com 74% do corpo docente entre pós-doutorados, doutores e doutorandos. A produção científica de seus Departamentos havia atingido a produtividade nos últimos anos de 432 publicações em periódicos internacionais, 83 em

periódicos científicos nacionais, 742 trabalhos apresentados em eventos científicos internacionais e 1.491 trabalhos em eventos científicos nacionais. Existiam vários projetos de pesquisa em andamento com apoio da FAPESP, FINEP, CNPq, CAPES e outros órgão de fomento. Possuía 43 protocolos com instituições nacionais e 19 internacionais.



Fonte: Jornal Guaypacaré

De toda forma, o governo continua a engessar cada vez mais o orçamento das instituições de ensino isoladas, cito: Faenquil (Lorena-SP), Famema (Marília-SP) e Famerp (São José do Rio Preto-SP). Mas de tanto que incomodávamos em nossas mobilizações, eis que surge como possível solução para este impasse a nossa anexação em algumas das Universidades Paulistas: USP, UNESP ou UNICAMP. Achávamos que a UNESP poderia ser a que tivesse mais interesse em nos anexar, pois a Faenquil depois de estadualizada baseou-se e apoiou-se principalmente na UNESP para adaptar-se ao novo estilo de gestão pública. No entanto, a USP, em seu programa de expansão que resultou inclusive na criação da USP Zona Leste, se antecipou e mostrou interesse em anexar a Faenquil.

Em meio a toda essa luta, alunos do Centro Acadêmico da instituição chegaram a agendar uma reunião para me perguntar se eu era contra a passagem para a USP. Isto me irritou profundamente. Comprovei com diversas evidências que era a favor da anexação à USP e logo eles perceberam que estavam sendo utilizados como massa de manobra por um pequeno grupo que queria tumultuar as negociações. Algumas vezes, um número restrito de pessoas isolada e ardilosamente me procuravam com o objetivo de fazer fofocas visando a desunir o nosso grupo que lutava em prol de uma solução. Por vezes, era necessário agüentar calado para não acirrar ainda mais e criar outras brigas internas, afinal o grupo que realmente estava na busca de

soluções para a instituição, precisava de energias para lutar no ambiente externo.

Lastimavelmente, existem pessoas adeptas da velha estratégia de guerra usada no tempo dos lendários imperadores, ou seja: dividir para governar. Tentam desunir as lideranças para que possam comandar. Entretanto, sabemos que só a união poderia fazer a força e permanecemos juntos até que nossas batalhas fossem concluídas. A nossa luta prosseguiu até que em uma visita na cidade de Canas-SP, finalmente o Governador Geraldo Alckmin publicamente afirmou que a Faenquil seria anexada à Universidade de São Paulo.



Governador com a camiseta dada pelo pessoal da FAENQUIL

Fonte: Jornal Guaypacaré

Como diz o ditado popular: água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. A questão é que nossa luta foi árdua e cansativa. O meu sentimento é que governos neoliberais possuem uma frieza enorme para lidar e reconhecer o que é de direito. Isto quando reconhece... Além do mais, existe a morosidade que já é típica de cada governo independente de partidos políticos. E foi assim que mais um ciclo de lutas encerrava-se na ocasião. A heróica Faenquil deixaria de existir para dar lugar a mais uma unidade da USP. E os profissionais que já vinham trabalhando em busca de excelência, ainda propiciariam muitos bons resultados e crescimento para a sua sucessora.

Iniciando a Era EEL USP



Fonte: O Autor

Em meados de 2006 a Faenquil é extinta e passa a existir a Escola de Engenharia de Lorena (EEL). Entretanto, a anexação não acontece da forma que esperávamos e que foi proferida publicamente pelo Reitor Adholpo Melfi. A USP incorporou nossas dependências, laboratórios e patrimônio. No entanto, os servidores prosseguiram como dinossauros no jurássico quadro de extinção na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia (SDECT).

Aos olhos de qualquer pessoa, isto não é nem um pouco razoável. Os colaboradores da Instituição ficaram desanimados e desmotivados com esse ato. A insatisfação com o tempo fez com que surgisse a primeira greve dos funcionários. Mas veja bem, mesmo com todas as dificuldades que havíamos passado no tempo da Faenquil, permanecendo até mesmo alguns meses sem receber salários, jamais chegamos a fazer greve anteriormente. Assim, como não tínhamos essa cultura, fizemos greve trabalhando. Entrávamos em nossas salas de trabalho e lá permanecíamos mantendo as atividades básicas da instituição em funcionamento. O primeiro ato do governador foi mandar suspender os nossos salários. Ganhamos apoio dos alunos, do Sindicato dos Trabalhadores da USP, da Associação dos Docentes da USP, da sociedade e imprensa.

Novamente tivemos que nos mobilizar, reclamar pelo que nos é de direito, afinal, incorporaram a parte conveniente e deixaram os servidores que fazem a casa funcionar em um quadro de extinção fora da USP. Na ocasião, o Reitor João Grandino Rodas recebeu nossas reivindicações. Depois surgiu como solução, o recebimento de uma complementação salarial através da USP. Assim foi feito e muitos ficaram satisfeitos. Já de minha parte, achei injusta a classificação realizada para nível operacional, técnico e nível superior. Quem organizou este estudopoderia aproveitar para promover a justiça em algumas distorções de funções que foram ocorrendo no decorrer dos anos.

Mas, a meu ver, o que aconteceu foi algo em parte tendencioso em benefícios a alguns e prejuízos a outros.

Em minha opinião, não se levou em consideração a busca pela evolução profissional, estudos realizados em cargos que podem ser ocupados nos níveis propostos. Esta injustiça me incluiu diga-se e registre-se de passagem. Este estudo deveria ser feito em parceria com os servidores dos Recursos Humanos da USP de São Paulo, analisando individualmente o currículo e atividades de cada servidor. E outra coisa lamentável foi que não nos incorporaram ao quadro na USP. Novamente, nosso ingresso no quadro da USP não foi possível infelizmente também por mais um parecer contrário de um jurista Procurador que há tempos demonstra não aceitar bem as nossas reivindicações.

Algumas outras coisas estranhas, também ocorreram. Em 2009 alguns representantes nos órgãos da EEL USP, tentaram me barrar para fazer um curso de aperfeiçoamento em Educação nos EUA. Talvez resquícios de alguém que não gosta de mim. Mas seria injusto, pois há mais de uma década era professor contribuindo com a formação dos alunos do Cotel. Além do mais, não é da filosofia USP tentar bloquear o crescimento acadêmico de ninguém. Aliás, isto também não ocorria na Faenquil. Mas por fim houve a intervenção positiva do Prof. Adilson Roberto Gonçalves, chefe de Departamento em exercício no Debiq naquele período, concedendo a oportunidade de me aperfeiçoar.

Compreendo que ocupar papel de liderança faz com que não agrademos gregos e troianos. Isto faz também com que exista o ônus e o bônus da posição ocupada. Sinceramente, aceito tudo isto. No entanto, lamentavelmente alguns não querem assistir a evolução dos que batalham dignamente para mudar a realidade. Nestas minhas lutas, ocorreram ocasiões em que me prejudiquei perdendo o prazo na conclusão de alguns estudos na Universidade Federal de Itajubá (Unifei) e também na vida pessoal devido à sobrecarga de atividades principalmente em prol do excesso de problemas de cunho profissional. Em certo momento, devido ao acúmulo de atividades, cheguei a ter uma crise de forte estresse. Tratei e me recuperei. E se me perguntarem se eu faria tudo novamente, certamente afirmarei que sim. Sou um guerreiro onde a cada adversidade, só me sinto mais forte e capaz de enfrentar desafios. A cada tombo sofrido, tenho de me recuperar, sacudir a poeira e me tornar mais preparado para as brigas em que eu acredito que a causa é justa. E toda esta luta até o momento, graças a Deus me permitiu ter muito mais apoiadores do que desafetos. Isto talvez seja o que mais incomoda alguns poucos.

É inquestionável que coisas boas também surgiram com a EEL USP. O Prof. Nei Fernandes tentou realizar a transição da antecessora para a sucessora com o mínimo de conflitos possíveis. Estar em um grupo das Universidades Paulistas não possui a fragilidade de estar em um grupo de Faculdades Isoladas. Se bem que um governador da ala neoliberal tentou mexer em parte das verbas destinadas às Universidades Paulistas. Ainda bem que não logrou êxito em remanejar recursos destinados à Educação. A primeira grande vantagem na EEL é que os nossos alunos passaram a receber diplomas com o selo USP depois de formados. Todos sabem que ter um diploma com o selo da melhor universidade do Brasil e da América Latina abre muitas portas e aumenta muito a empregabilidade.

Para os servidores, surgiram algumas vantagens como um vale alimentação e refeição com valores acima do que era recebido. Também foi concedido um plano de saúde local e auxílio creche aos que possuem filhos pequenos. Outra coisa legal que ocorreu, foi poder criar projetos. Inclusive tive um projeto aprovado junto ao Prof. Carlos intitulado Monitoramento Ambiental das Montanhas da Serra da Mantiqueira e do Vale do Paraíba. O projeto recebeu apoio de mais dois professores doutores, reunindo um orientado bolsista custeado pelo Coseas USP e apoio de mais 11 alunos voluntários. Foi um dos projetos mais disputados por alunos da graduação.

Em 2011 após convite, tornei-me professor do programa promovido pela Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP. Através deste programa, comecei a ministrar aulas para a universidade aberta à 3ª Idade que também pode ser frequentada por alunos de graduação, afinal, o objetivo do programa é promover a extensão. Neste mesmo, ano a EEL USP mostrou a sua força de prosseguir em franca evolução, abrindo os novos cursos de graduação: Engenharia Ambiental, Engenharia Física e Engenharia de Produção. Atualmente estamos crescendo a passos largos em infraestrutura física, equipamentos, pesquisas e acervo bibliográfico para estudos.

Novos concursos públicos para preencher vagas foram abertos e outros virão a fim de aumentar o quadro de pessoal. Mas no que se refere a isto, em minha visão, teremos outro problema em breve. Os novos concursados que estão ingressando na USP possuem o índice CRUESP, todas as vantagens da USP, o que inclui o tão desejado plano de carreira da USP. Este plano de carreira não existe para os servidores em quadro de extinção, ou seja, aqueles que carregaram o piano a maior parte do tempo para que a instituição viesse a se tornar o que é atualmente. A pergunta que não quer calar é: como ficarão os servidores que há tempos estão na Instituição e que já passaram por várias dificuldades? Espero que a USP saiba como resolver isto por princípio de isonomia. Trata-se do direito de igualdade. Os servidores em quadro de

extinção na SDECT trabalham da mesma forma para a instituição em relação qualquer servidor concursado na USP.

Conclusão

Não é fácil tentar resumir um histórico de árduas batalhas que duraram anos em algumas páginas, mas creio que o relato acima permite uma ideia das lutas travadas em prol da Educação na instituição. Perdoem-me se não citei algum nome por esquecimento, principalmente dos que estiveram mais diretamente envolvidos em nossas mobilizações. Possivelmente, muitos destes serão lembrados em outros textos relatados aqui nesta obra. Aproveito para agradecer a minha família, os servidores, a Equipe Inovação da Affa, os diretores da instituição, enfim, todos os que direta ou indiretamente apoiaram as nossas lutas. Muitas vezes, quando conseguíamos, tínhamos apenas o valor de uma diária no bolso e muita vontade de brigar a favor de nossos direitos. Registro o meu agradecimento especial ao Prof. Carlos, organizador e também coautor nesta obra que narra os sentimentos vividos por alguns de nós. Manifesto o meu muito obrigado, Prof. Carlos, por poder ter sido seu parceiro em busca de nossas reivindicações e por participar de estratégias traçadas juntamente contigo para encarmos os gigantes que enfrentamos. Sou feliz por ter aprendido muitas coisas com sua pessoa, mas acima de tudo pelo fato de ter a oportunidade de estar ao lado de um homem de personalidade, caráter marcante, bom pai de família, bom cidadão e que não poupo esforços e energias para buscar o que é justo. Receba todo o meu respeito admiração acompanhados de meus sinceros parabéns pela pessoa que você é e sempre foi. Torço positivamente para que em vida ainda tenha o seu nome em alguma das dependências da EEL USP, pois a sua história profissional é tão intensa em prol da Educação que se confunde com própria história de nossa instituição. No mais, enfatizo que estou contente por saber que não precisará se aposentar e ainda poderá continuar conosco com sua alegria, brincadeiras e principalmente produtividade na arte de ensinar por mais um tempo. Para finalizar, deixo também a minha eterna gratidão por poder imortalizar minha versãodas histórias que aqui vivemos juntos até este momento.

Reflexões do Professor Carlos:

André Prado trabalha em nossa instituição há mais de 24 bons e felizes anos. Sempre foi um funcionário dedicado, competente e de um relacionamento alegre e respeitoso com todos os seus colegas de trabalho.

Como ele diz, começou sua vida em nossa instituição como prestador de serviços, e devido a seu trabalho sério e competente, foi contratado pela nossa tão querida FAENQUIL.

Devido a sua dedicação e ao seu crescimento pessoal, educacional, cresceu profissionalmente e toda sua ascensão em nossa casa, foi devido a sua capacidade e seriedade de seu trabalho.

Participava de atividades de voluntariado e é membro efetivo da Academia de Letras de Lorena – ALL.

É especialista em computação, Qualidade e graduado em Administração de empresas.

Tem vários livros editados, foi várias vezes premiado em eventos literários com poesias, contos e livros.

Tem memória incrível, pois lembra minuciosamente da maioria dos acontecimentos, bons e inadequados pelos quais a FAMENQUIL passou, para tornar-se a FAENQUIL particular, depois transformar-se na FAENQUIL estadual e finalmente da Escola de engenharia de Lorena EEL, um campus avançado da USP em nossa querida Lorena.

Isso não acontece por acaso. Só com muito trabalho, luta, persistência e competência, um profissional consegue atingir os objetivos que o André traçou para sua vida, como professor, funcionário técnico administrativo, como marido, como pai e como ser humano.

Parabéns, caro amigo André!

Prof. Carlos Roberto de Oliveira Almeida

(Organização, comentários e reflexões).

Outras histórias interessantíssimas fazem parte do livro:

Histórias e Relatos

Criação da Famenquil, Faenquil e da EEL – Escola de Engenharia de Lorena – Campus USP de Lorena